

L O U V O R A M E S T R E A I R E S

Wilton Cardoso

A primeira feição da obra de Aires é a do jornalismo gramatical. Nesse particular, entendo por jornalismo gramatical a forma predominante dos consultórios de dúvidas de linguagem, que tiveram, em nosso meio, prestígio e clientela indiscutíveis. A ela pertencem as duas séries de *Escrever Certo*, *Problemas da Língua*, *A Correção na Frase*, *Em busca do Termo Próprio*, *Português Fora das Gramáticas* e grande número de artigos esparsos, ainda não recolhidos em livro, os quais, partindo dos primeiros ensaios do publicista, compõem uma atividade magisterial que chega aos dias atuais.

O jornalismo dos consultórios gramaticais tem uma história que não seria difícil traçar e que, mesmo em linhas gerais, contribui para uma melhor compreensão do papel do escritor num gênero de que jamais se afastou.

Creio poder afirmar que os consultórios de gramática se prendem ao que significou para a história da cultura brasileira o choque observado entre as concepções estéticas - e conseqüentemente lingüísticas - do Romantismo e do Realismo.

O fato de o Romantismo coincidir no Brasil com a Independência do país não pode ser tido como lance fortuito ou simples configuração de calendário. Como se sabe, a consciência da autonomia política faz eco com a emancipação literária, e o instinto de nacionalidade, a que se referiu o escritor maior como nota distintiva das letras brasileiras, até então obscuro como toda força latente, começa por jorrar na especificidade exterior da paisagem. O cenário épico de Alencar, com heróis legendários arrancados ao Olimpo selvagem, logo entoa a melodia bárbara de vocábulos e construções de frases pouco disciplinada ao compasso do metrônomo clássico.

Criou-se um novo conceito de correção idiomática. Mas a evidência do fato, que tanto dissabor causou aos carranços portugueses do tipo de Manuel Pinheiro Chagas e José Feliciano de Castilho, não foi bastante para o preservar da maldição classicomaníaca. Como quer que seja, o certo é que o Realismo, com o culto da forma, que os parnasianos elevaram ao paroxismo, acabou por reabrir o sarcófago do exemplário mumificado. Cumpria sacrificar à deusa Forma, e, como não havia norma brasileira formalizada, força era ir buscá-la na norma portuguesa. Com efeito, nunca os fantasmas de Zurara e Lopes,

Sousa e Bernardes passearam com tamanha freqüência suas alvas togas pelos incorruptíveis tribunais da linguagem escoreita, como era mo da dizer.

Um fato ponderável viria ativar a pira do sacrifício. A famosa polêmica a respeito da redação do Código Civil, pondo na liça as armas apuradas de Rui Barbosa e Ernesto Carneiro Ribeiro, alimentou, com o fulgir e refulgir das réplicas e trêplicas, a chama cada vez mais intensa. Todos queriam polir a pena para brandi-la com maior brilho. Só que esse brilho era como o das peças antigas: conseguia-se à custa de esfregadelas no pó de tempo, e não raro uma reintrância do desenho, difícil de alcançar, deixava entrever o azinhavre de um arcaísmo. Filólogos houve, como o malogrado Melo Carvalho, que escreviam na prosa de quinhentos.

Foi por essa época que os consultórios de mazelas da linguagem conheceram o fastígio. Firmas lusitanas fortemente acreditadas, como a de Cândido de Figueiredo, aqui inauguraram filiais, e as que por cá se instalavam, como a de Cândido Lago, eram, desde o nome, arremedo das primeiras, com a mesma aparelhagem e semelhante fim. Um traço comum as identificava: o aspecto policial coercitivo de *O Que Se Não Deve Dizer*, mais preocupado com a exibição do erro do que com a lição do certo, e a inflexibilidade dogmática de *O que é correto*, totalmente imune a qualquer torneio de expressão que não tresandasse ao bafio de antanho. Dir-se-ia que os filólogos do tempo se inspiravam na balada de Villon.

É verdade que havia exceções. Mário Barreto, por exemplo, é talvez a maior. Mas, se é certo que o antigo catedrático do Colégio Militar tinha a seu favor o conhecimento da melhor ciência da época, não é menos certo que fechou ouvidos à modalidade linguística nacional e não deu curso senão ao que tinha por si a chancela de Camilo - ele que, de família, se chamava Mário Castelo Branco Barreto. Seu célebre desabafo - *Eu só leio galegos!* ficou justamente célebre.

Não admira, assim, que o Modernismo de vinte e dois, ao apedrejar o sapo parnasiano, reconhecesse, no seu coaxar, o martelo cadenciado de dições tipicamente lusitanas e exclamasse como poeta:

*Estou farto do lirismo que pára e vai averiguar no
dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo*

Abaixo os puristas

Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais

Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção

(Manuel Bandeira, *Poesia e Prosa*, 1958, I, 188)

É nesse ponto que surge o consultório de Aires. Não já no pipocar da refrega modernista, aliás paupérrima em termos de doutrinação lingüística, mas no ambiente, que se lhe seguiu, de consciência da realidade nacional da geração de trinta e - não hesito em afirmar - no ponto que nos interessa, de ressurreição do ideal mais sério de Alencar. Na verdade, em matéria lingüística, os modernistas de vinte e dois não foram além de um gênero que se convencionou chamar poema-piada. Às vezes, nem isso, como aconteceu a certa *Gramatiquinha da Fala Brasileira*, que nunca chegou a publicar-se porque era, do ponto de vista científico, uma obra impossível.

No pórtico do consultório, pôs o jovem filólogo uma inscrição que aqui copio pela indiscutível pertinência: "Para esse tentame [o de solucionar as dúvidas de linguagem de seus leitores], eu tenho uma vantagem, que me apresso a reivindicar, sem falsa modéstia: na minha idade, é possível ao estudioso da língua manter-se imune do "genius irritabilis", que em regra distingue e malsina os gramáticos." (*Escrever Certo*, 1a. série, 1935, p. 15)

(Faço um parêntesis para mostrar como a profissão de juventude não era incompatível com a seriedade humanística, de que nos vamos desacostumando. Formado na velha escola de Mestre Euclides Ferreira, pela graça de Deus vivo e são, é claro que me dei conta do "genius irritabilis" que, por artes do diabo a que se referiu Eduardo Frieiro, se aninhou entre as palavras da citação que acabo de fazer. Como me servisse de velha edição de *Escrever Certo*, mais à mão na estante, corri a outra ponta da livraria e fui conferir o passo no volume *Principais Dificuldades* da coleção editada pela Boa Leitura, que suponho ser a última. Lá estava, dessa vez corretamente - "genus irritabile". (*Obra citada*, p. 13). A lição que daí tiro formulou-a em termos de pergunta. Com as reformas pedagógicas, que nos vêm sendo impingidas pelos tecnocratas da educação, quantos dos nossos alunos de hoje e mesmo dos seus mais jovens professores serão capazes de distinguir entre *genius*, -*ii*, masculino da segunda e *genus*, -*eris*, neutro da terceira, e mais estarão aptos a declinar com acerto um adjetivo biforme na língua de Horácio? A resposta deixo-a a cargo dos fabricantes da futura reforma, que a esta hora deve estar no estaleiro. Até lá, será lícito esperar que as fontes convencionais de energia tenham sido substituídas por algumas das suas fontes alternativas e que o espírito, liberto enfim da asfixia dos carburadores, possa respirar em atmosfera de espírito, que é, por suposição, o seu melhor ambiente.)

A profissão do jovem Aires renunciava, no entanto, mais

do que a condenação de emboloradas convicções gramaticalescas. Pelo que toca à modalidade nacional da língua, ponto em que foram invulnéráveis os predecessores de consultórios gramaticais, escreveu acertadamente: "Enriquecemos o português, enormemente, com a contribuição africana e tupi, a par das criações operadas em nosso meio, de acordo com as leis fonéticas tradicionais." (*Escrever Certo*, I, p. 210). O comportamento rigorosamente científico mostra que a simples resposta a um consulente pode ter endereço mais largo, como esta antecipação do princípio lingüístico da unidade na variedade, seguramente escandalosa para o tempo: "A posição dos literatos brasileiros, como árbitros da vernaculidade, é vital para a unidade de língua." (*Obra citada*, I, p.90).

Inovador em um gênero até então suspeito do pecado original, Aires, desde as primeiras páginas, pôde tomar, pelas mãos de mestres que eram os melhores do tempo, as bases de uma obra que escapa às limitações dos consultórios tradicionais.

Sob tal aspecto, já a primeira série de *Escrever Certo* é eloqüente em mais de um ponto. A justa compreensão do problema brasileiro da língua leva o autor a ensaiar etimologias a respeito de brasileirismos e supostos brasileirismos, como banzê, bagunça, fuzar-ca, frega, bilontra, esbôrnia, frajola, e a escrever um judicioso estudo sobre "Gíria e a boa linguagem", temas em que à fácil condenação dos catapulgas da Gramática substitui a fértil convicção do lingüista. Não resisto à citação obrigatória: "Esses termos populares, pela sua expressividade atraente, costumam fixar-se na linguagem falada e conquistam até a literatura, empregados pelos autores escrevendo por conta própria". "Claro que não advogo...o banimento e o repúdio das palavras populares. Sobre anticientífico e impossível, seria isso prejudicial à própria literatura. A cor local tem seus direitos, tudo tem seu lugar, conforme o gênero e o temperamento do escritor, e a dicionarização às vezes tarda. Demais, a escolha das palavras é obra de arte, toda a arte de escrever, diga-se logo". (*Obra citada*, I, pp. 159, 162).

A exata perspectiva científica havia de conduzi-lo pelos caminhos do Folclore, de que nos deu excelente *Manual*, e principalmente à feitura de uma obra que ocupa posição singular em sua bibliografia - *O Negro e o Garimpo em Minas Gerais*, prêmio da Academia Brasileira de Letras em 1943.

O livro nasceu de um período de férias que o autor foi gozar, por volta dos vinte anos, no distrito diamantino de São João da

Chapada, lugarejo a quatro léguas do antigo Tijuco. Naquele meio rural, provocaram a sua curiosidade umas cantigas em língua africana, cantos entoados ao ritmo do trabalho, ou vissungos, como eram chamados pela gente da terra.

Faiscador diamantino, Aires entreviu para logo o veio de onde havia de desentranhar, por via de batidas árduas nem sempre compensadoras, considerável cópia de vissungos, um substancial vocabulário e parte de uma gramática da língua banguela, naturalmente modificada em região que, como diz, "nasceu, cresceu e vive ainda sob o sortilégio do diamante". (*O Negro e o Garimpo...*, Rio, 1943, p.9)

Obra a um tempo de Linguística, de Sociologia e de História, *O Negro e o Garimpo em Minas Gerais* não só revela a importância dos vissungos e sua acidentada difusão local, como fixa a influência africana nas origens do povoado, as relações linguísticas entre negros e brancos e os vestígios da língua das cantigas no linguajar corrente, na onomástica e na toponímia da região. Descobre, por fim, a existência de um dialeto crioulo de negros bantos, que ali teve curso em tempos passados, conquista que a ciência havia de tomar como definitiva, e pôr em paralelo com o dialeto dos nagôs da Bahia, único de que até então se tinha notícia no país. Copio aqui a própria obra: "... o estudo dessas cantigas de trabalho revela a existência de um dialeto crioulo em S. João da Chapada. O da Bahia, único admitido até aqui, é de negros nagôs. Temos outro, agora, de caráter banto. Confirma a tese da predominância desse grupo no Sul do Brasil". Sendo numerosos os vocábulos abundos que passaram ao português, os fragmentos desse dialeto crioulo, certamente, contribuirão para resolver problemas obscuros de etimologia e para fixar muita coisa no campo dos estudos dialetológicos". (*Obra citada*, p. 114)

Como se vê, a linha inovadora de *Escrever Certo* não se interrompe nas respostas a consulentes necessitados de terapia gramatical, mas deriva por áreas mais vastas e atinge o campo quase inexplorado da nossa Dialetolegia.

Nesse mesmo sentido, há outro ponto, que eu gostaria de acentuar.

Escrevi uma vez que, no Prefácio à segunda edição das *Dificuldades da Língua Portuguesa*, de M. Said Ali, que é de 1919, aparecia acaso a primeira citação brasileira do famoso *Cours* de Ferdinand de Saussure tido como fundador da Linguística Moderna e publicado postumamente, em 1916, sob os cuidados de dois discípulos - Charles Bal-

ly e Albert Sechehaye. A curiosidade bibliográfica pareceu-me então interessante por definir um autor que é o maior sintaticista da língua e por caracterizar o aspecto capital de sua obra, assim entendido por Serafim da Silva Neto: "É o caráter interpretativo o que distingue a sintaxe de Said Ali e a extrema da dos seus contemporâneos. Melhor falando, ele é um estilicista, um intérprete de estilos, mais interessado em surpreender estados da alma do que em formular regras tão fúteis quanto insustentáveis à luz do raciocínio". (M. Said Ali, *Dificuldades...*, 5a. ed., Rio, 1957, p. IX)

Pois bem: ao reler agora a primeira série de *Escrever Certo*, que saiu em princípios de 1945, mas que reúne artigos publicados em 1933-1934, observo citações igualmente significativas. Sem falar nas remissões a Charles Bally, que os hábitos de cultura francesa da época tornavam presença obrigatória, noto que as referências ao mestre da lingüística idealista alemã Karl Vossler e ao filólogo germânico Leo Spitzer têm sabor idêntico ao do comparecimento de Saussure na obra de Said Ali.

Aqui toca o ponto. Quem fala em Bally, em Vossler e em Spitzer está implicitamente referindo-se às três correntes básicas da Estilística que, partindo de concepções diferentes e enriquecendo-se com as contribuições originais da escola espanhola de Amado e Dâmaso Alonso, possibilitaram o aparecimento de um dos mais importantes movimentos de crítica e análise literária surgidos nestes últimos anos. Insisto na afirmativa. Se alguém dela duvidar, por amor ao talhe do último figurino, releia os livros de Vossler a respeito de Jean Racine ou de *La Fontaine e suas Fábulas*, os quais revelaram obras inéditas para a crítica, e recorde que foi pelos estudos de Dâmaso Alonso que Luís de Gôngora, um dos maiores poetas da humanidade, foi salvo de secular condenação ou que o Barroco, tido como fase clássica decadente, encontrou afinal a sua redenção.

Na verdade, Aires praticava a Estilística desde os primeiros escritos. O caráter interpretativo que Serafim da Silva Neto surpreendeu em Said Ali é mesmo a nota dominante dos seus estudos de linguagem, e não é por acaso que neles se encontram as lições dos precursores e mestres da especialidade.

Mas é com *Crítica de Estilos*, publicado em 1956, que Aires se inscreve de modo decisivo na corrente de renovação dos métodos de crítica e análise literária que rebentava entre nós com uma força polêmica não experimentada pelo advento mais recente dos diversos estruturalismos. Esse livro, que está a exigir edição acrescentada de trabalhos posteriores do mesmo gênero, contém páginas, como as

análises da "Canção do Exílio", de Gonçalves Dias, ou do "Buriti Perdido", de Afonso Arinos, que são autênticas obras-primas de exegese e interpretação. Todavia, para que não se suponha, como costuma acontecer, que a filiação à escola é aqui mais obra do crítico do que do autor, registro este passo da abertura do estudo dedicado a *Abdias*, romance de Ciro dos Anjos: "A pesquisa da expressão literária deixou de ser casual procura de particularidades idiomáticas. Tornou-se método interpretativo. As investigações estilísticas de Vossler e de Leo Spitzer firmam e confirmam esta realidade: "A toda particularidade idiomática no estilo de um autor corresponde uma particularidade psíquica". "Nem é preciso mais para tornar patente quanto importa estudar a expressão, à luz desse(s) princípios(s). A disquisição estilística, valiosa só por si, na peculiar autonomia, ainda se impõe como percuciente método de crítica". (Obra citada, pp. 57-58)

Infelizmente, os ensaios do volume, publicados esparsamente, não trazem as datas em que apareceram na imprensa periódica. Mas a informação da "Advertência" de que o estudo a respeito da famosa "Canção" gonçalvina foi composto para celebrar o seu centenário, que verifiquei ter ocorrido em 1943, dá a Aires a posição de precursor da crítica estilística brasileira. Ainda uma vez, a fidelidade à profissão juvenil de *Escrever Certo*, que tenho procurado fixar, lhe confere o título de inovador.

Ponho aqui um depoimento pessoal. Mais de uma vez, ouvi a Aires contar como se tornou professor universitário de Filologia Românica. Com a criação das Faculdades de Filosofia, a disciplina aparecia pela primeira vez em nosso sistema de ensino, e é fácil avaliar o que isso acarretava de natural perplexidade ao professor consciente e responsável. Mas - e as palavras são suas -, com a atribuição das cátedras aos fundadores da escola, foi a que lhe sobrou. Se lhe tivesse sido dado optar - são ainda palavras que lhe ouvi -, teria escolhido Língua Portuguesa ou uma das duas literaturas de nossa língua.

Fui dos seus alunos da primeira turma. E talvez porque não fosse necessariamente o pior, posso, trinta e cinco anos depois, dar testemunho do que foi a estréia do Mestre.

A matéria, como então se dizia, tinha outro inconveniente. Era lecionada em uma única série - a última do curso, pois pressupunha certo conhecimento do Latim e regular trânsito pelas línguas românicas, em sua maioria constantes do currículo. Vício enciclopédico, diríamos hoje, talvez não sem razão, mas velhos e bons tempos,

que permitiam ao estudante eleger conscientemente os rumos que havia de tomar na carreira intelectual.

Apertado nas garras da lei, então inflexível, compreendendo que não lhe seria possível esgotar matéria vasta e percebendo principalmente que aos estudantes de Letras faltava o conhecimento das idéias gerais acerca da Ciência da Linguagem, sô muito mais tarde incluída na programação, Aires, com a autoridade que na época tinham os catedráticos, rachou o curso em seções semestrais: a primeira - História das Idéias Lingüísticas, e a segunda - A formação das línguas românicas. Com isso, tornou-se, ao lado de Augusto Magne e Antenor Nascetes, não sô um dos primeiros mestres de Filologia Românica do país (as Faculdades de Filosofia eram então pouco numerosas), mas, sem contestação, com uma precedência de vinte anos sobre a inclusão da disciplina nos currículos oficiais, o primeiro professor de Lingüística da universidade brasileira.

Pois foi esse Mestre que o calendário, invenção torpe de algum diabo eternamente jovem, pregando-nos uma grande peça, afastou um dia do nosso convívio. Aqui lhe pregamos outra. Fomos buscá-lo na qualidade de Professor Emérito, com as prerrogativas do título - participar de nossas decisões e ministrar cursos especiais.

Professor Aires:

A Secretaria já lhe reservou o horário tradicional que o Mestre ocupou durante cerca de trinta anos, até porque é o único que até hoje nenhum de nós lhe disputou - sete horas da manhã...